

## ADAPTAÇÃO ESCOLAR

*O início da vida escolar: da dependência familiar para autonomia social*

*Lélia de Cássia Faleiros\**

Esse tema – ADAPTAÇÃO ESCOLAR - tem sido motivo de grandes inquietações, principalmente quando é chegado um novo ano e com ele novas relações que se formam novos grupos que se constituem. Gostaria, entretanto, de abordá-lo de forma ampla, não restringindo só a chegada de alunos no espaço escola, mas tenho em vista os muitos desacertos gerados por interpretação precipitada e preconceituosa dos comportamentos escolares, quase sempre feita de maneira superficial e subjetiva. Destacarei para essa discussão três vertentes: *o aluno; o professor e a escola e os pais.*

Apesar do contato com grandes e recentes teorias que ampliam cada vez mais nossa compreensão sobre o aluno e o seu processo de aprendizagem, constata-se ainda com frequência a presença de alunos tidos como *desajustados e/ou inadaptados*, alunos considerados *difíceis, ou problemas*, tendo a escola encontrado grandes dificuldades na condução de situações que têm estes sujeitos no cenário.

O que se observa, no entanto, é que quando se considera a *adaptação escolar*, ela acaba por enfatizar só a *adaptação* dos alunos. Não se leva em conta as inúmeras variáveis implícitas neste processo, muito menos, a sua repercussão no clima psicológico da escola e nos comportamentos dos professores e pais. Sequer são discutidas situações contextuais inerentes à facilitação da interação social, como por exemplo: o melhor espaço para receber o aluno, as estratégias e o planejamento do professor nos primeiros dias de aula.

Faz-se necessário destacar de antemão que todos os indivíduos envolvidos no processo educativo estão comprometidos no chamado período de *adaptação*.

---

\* Psicóloga Clínica, Psicopedagoga, Dra e em Psicologia e Educação pela USP. Coordenadora da Maiêutica – Centro de Psicologia Aplicada e professora universitária.

Quando se parte para uma definição do termo *adaptação* encontramos quase sempre os seguintes significados: interação, harmonia com o meio, ajustamento eficaz, respostas adequadas às situações. Contudo, não ficam claros quais são os critérios que foram utilizados para as formulações do que seja *adequado, harmonioso e/ou eficaz*.

A nosso ver, uma das grandes dificuldades para a compreensão do processo adaptativo vem da constante preocupação em se estabelecer uma conotação boa ou má, existente ou inexistente, como se fosse simples reduzir o fenômeno.

Grosso modo, podemos dizer que a *adaptação* é uma operação resultante do conflito entre as exigências internas e externas. Num sentido mais amplo, poderíamos ir mais além e definir *adaptação* como: o processo unitário, individual e total das funções psíquicas de um sujeito, que se evidencia pelo esforço significativamente coerente da sua personalidade na determinação de uma conduta que este estabelece com o meio. Segundo Novaes<sup>2</sup>, todo processo adaptativo pressupõe, primordialmente, reciprocidade entre o organismo e o meio.

Ainda neste sentido, Helson<sup>2</sup> afirma que todo processo adaptativo é um processo dinâmico, ativo e tem um duplo aspecto: os efeitos da estimulação provocam modificações no organismo, essas modificações adaptam o organismo às condições predominantes que, em conseqüência, também modificam os estímulos. Em resumo, o sujeito é modificado pelo novo meio, mas simultaneamente ele também produz modificações nesse meio.

Quando se busca definir o conceito de não adaptação, ou, mais comumente, inadaptação, tende-se a considerar este processo como sendo o inverso da *adaptação*. O que se sabe, é que as reações e os comportamentos, mesmos interpretados como desadaptados ou inadaptados, respondem a um processo adaptativo e de integração do indivíduo com o meio no qual está inserido.

É preciso lembrar que há estilos pessoais adaptativos, devidos às características diversas de personalidade, forças organizadoras diferentes, modos diferentes de pensar e perceber, bem como movimentos expressivos peculiares.

É frequente os conflitos advirem das divergências entre as exigências internas e externas. Por exemplo, um indivíduo quer algo que esbarra com os padrões sociais vigentes, como o caso de querer agredir os outros. Ele encontra aí obstáculos externos que o leva, na maioria das vezes, a acomodar-se às situações buscando outra via de gratificação pessoal aceitável socialmente.

Os conflitos adaptativos podem se dar, também, quando há oposição entre as próprias exigências externas, não sabendo o indivíduo como conciliar o atendimento de ambas. K. Horney, discorre amplamente sobre esse tema, salientando a existência de conflitos culturais onde os valores entre sub-culturas são, muitas vezes, incoerentes e incompatíveis entre si. Exemplifica: desde a infância, na escola, na família e na igreja, a criança aprende e ouve dizer que devemos amar uns aos outros mutuamente; por outro lado, o mundo lhe é mostrado como sendo hostil, a sociedade como sendo competitiva, onde é necessário para a própria adaptação ser agressivo e individualista para vencer na vida.

Além da *adaptação escolar* do aluno é fundamental considerar o problema do educador que, por razões pessoais e/ou profissionais, pode desencadear dificuldades gerais de adaptação.

Um dos pontos centrais desse processo reside no fato de que é sempre mais exigido do aluno que se adapte às condições impostas pela escola e pelos professores. Poucas vezes indagamos honestamente se a própria escola e se os próprios professores estão se adaptando aos alunos, às suas necessidades, interesses e características pessoais. Não podemos esquecer que todos os protagonistas desse cenário – crianças, pais, professores, serventes, direção etc -, estão de alguma forma; atravessados pelo fenômeno da adaptação.

Sabemos que várias estratégias podem ser usadas pelo indivíduo para se adaptar à realidade e neutralizar a sua ansiedade. Uma delas seria a de reagir contra todos, tornando-se agressivo e competitivo; outra a de adotar uma atitude de passividade constante, levando à diferença; outra ainda poderia ser a de fugir da realidade por meio da fantasia.

Quando se analisa os problemas de *adaptação escolar* é preciso levar em consideração o caráter bidirecional do processo em relação a si mesmo e aos outros; daí o duplo processo de levar cada um ao autoconhecimento e não à alienação. Contudo, a noção de abertura em educação não quer dizer, como afirma Abraham, que se reforce uma artificial efusão sentimental, mas a percepção de sentimentos ligados ao que se passa na escola e ao conjunto de reações afetivas do professor e dos alunos. Não é necessária uma congruência das percepções entre aluno e professor, pois são válidas as diferenças perceptivas que irão levar à necessidade da mudança.

Outro ponto importante a ser considerado é o nível de expectativa que, inegavelmente, exerce influência relevante na dinâmica das relações escolares e no processo de adaptação. Muitos alunos são considerados difíceis ou problemáticos porque não correspondem às expectativas de comportamento daquela escola ou daquela professora. Seria igualmente válido fazer um levantamento junto aos alunos para verificar se tal professor, também não desapontou ou não correspondeu às suas expectativas.

Existem pesquisas feitas onde é possível verificar quais são as influências das expectativas do professor no processo adaptativo do aluno e no seu rendimento escolar. Quando os comentários do professor incorporam as suas expectativas de avaliação, os alunos têm melhor desempenho num exame subsequente do que quando as notas e os comentários não levam em consideração tais expectativas. Há em tais circunstâncias uma correlação significativa entre desempenho do aluno e o controle e a orientação de reforço. A exemplo disso, é sabido que um comentário do professor “excelente, fiquei muito surpreso, continue”, estabelecerá uma comunicação afetiva, mesmo porque fatores individuais a serem considerados nas notas obtidas na escola, assim como variáveis situacionais.

De modo geral verifica-se que os alunos que apresentam o mesmo estilo do professor têm mais facilidade de relacionar-se com ele, podendo sintonizar mais facilmente com sua ação, seja essa voltada para uma direção independente ou dependente.

É preciso considerar que o professor, como o aluno, também está comprometido emocionalmente por influências ambientais e, nas suas relações escolares, podem mobilizar conflitos infantis não resolvidos, surgindo daí insegurança, desgaste emocional, ambivalência de atitudes e estados de ansiedade que prejudicarão sua interação com os alunos.

Como afirma Reidl e Wattengeb “*não há suficientes santos para preencher todas as funções do magistério, por isso os seres humanos, imperfeitos, também podem levar a cabo essa tarefa gloriosa, que é a educação dos indivíduos. Assim, o que vai contar não são as suas qualidades ou os seus defeitos, mas o que faz com eles em favor dos alunos*”.

Analisando a vertente escola é preciso considerá-la como instituição social, que reflete estruturas sociais, sistemas funcionais, influenciando os indivíduos que a compõe e sofrendo, igualmente, as influências destes.

A escola representa um grupo e uma instituição que não só promove a transmissão e assimilação de conhecimentos e informações, mas, sobretudo, de **relações humanas**, propiciando formas móveis de comunicação e de participação.

Por fim, não podemos deixar de lado a família, e, mais especificamente, a mãe. Sabemos que este momento constitui uma ocasião esperada, porém extremamente dolorosa, de separação entre mãe/filho. Em nossa cultura é comum a idéia de que o professor é substituto da mãe e a escola o segundo lar da criança, isso gera, sem dúvida, tensões e conflitos nem sempre aparentes.

Os pais vivem fortemente esse processo de separação do filho que agora fará parte de um novo grupo social, terá um universo maior de experiências fora do espaço familiar. Só este fato é, por si mesmo, angustiante para os pais que terão que se adaptar com a idéia de que o filho não estará sempre em casa. É comum neste período os pais sentirem culpas, ciúmes e fortes fantasias que muitas vezes acabam por produzir comportamentos defensivos. Podemos ver o quanto às despedidas dos pais junto ao filho estão carregadas de sentimentos ambíguos e uma forte resistência a aceitação da professora. Perguntas como: será que meu filho vai ficar bem? Será que a professora vai deixá-lo ir ao banheiro? Será que ele não é muito novo para ir para a escola? são freqüentes no dia-a-dia das famílias que têm filhos entrando na escola.

Devemos entender, que os pais assim como os alunos e professores também vivem esse processo de adaptação e, muitas vezes, precisam de uma escuta e de uma orientação para que possam administrar melhor esse momento.

#### BIBLIOGRAFIA

- 1- KUPFER, M.C. Freud e a educação – O mestre do impossível. São Paulo, Scipione, 1989.
- 2- NOVAES, M.H. Adaptação escolar. Rio de Janeiro, Vozes, 1965.